



Mulheres desafiam preconceito e crescem no audiovisual em Santos

Elas quebram padrões e vão contra a corrente para ocupar espaços em uma área ainda dominada pelos homens

Por Beatriz Araujo e Marcela Alonso*

13/04/2019 11h14 · Atualizado há um dia



Larissa Melo (à dir.) no making off do curta-metragem de terror 'Sutura': "Acham que você é louca por ser mulher e fazer filmes com assassinatos" — Foto: Arquivo pessoal/Larissa Melo

Em um ambiente escuro e sombrio, um cadáver seminu é amarrado à cama e tem seu peito aberto por um jovem assassino, com a esperança de que esse ato repulsivo traga sua mãe de volta à vida. Esta cena, do curta-metragem de suspense 'Sutura', é fácil de ser associada ao tipo de filme feito por homens para um público, basicamente, masculino.



Poucos ligariam um filme assim à sensibilidade feminina. Mas, na realidade, ele foi dirigido por Larissa Melo, uma entre muitas outras mulheres que desafiam padrões e ocupam seu espaço na cena audiovisual de Santos.

"Se eu tivesse feito uma comédia romântica, leve, fofinha, ninguém falaria nada", diz Larissa. "A partir do momento que você não segue esse 'sistema', é comum acharem que a gente não tem capacidade de fazer um filme que seja forte. Acham que você é louca por ser mulher e fazer filmes com assassinatos e coisas do gênero". A diretora santista teve seu curta premiado com Menção Honrosa no Festival Internacional de Cinema Fantástico de São Paulo.

Para Larissa Melo, as barreiras enfrentadas pelas mulheres que atuam na área do audiovisual são bem definidas, principalmente no que diz respeito aos nichos do cinema de gênero, no qual os filmes têm estilos bem definidos. “Ser mulher nesse mundo já é complicado, e no cinema não é diferente. Em qualquer produção existem estigmas para nós, mas nas produções de gênero isso fica ainda mais evidente”, ressalta.

Formada em audiovisual e inspirada nos suspenses de Alfred Hitchcock e nos contos de Edgar Allan Poe, Larissa jamais gostou de romances, que são normalmente associados a mulheres. “Foi um desafio fazer um filme de um gênero ‘masculino’, nessa pegada de terror puxado para o suspense, e com pouca verba. Achem que mulher só sabe fazer produção, e isso não é verdade”, afirma a diretora, que encontrou atrás das câmeras seu modo de se expressar.

Esse preconceito com os quais as mulheres têm de lidar, não só no âmbito dos gêneros cinematográficos como também nas funções exercidas, é notado por outras profissionais do meio. Thátia Lima, que trabalha com montagem de produções audiovisuais, conta que adotar uma postura firme no ambiente de trabalho foi necessário para que ela conseguisse se estabelecer e “construir seu alicerce” na área.

“Achem que somos frágeis. Já presenciei muitos casos em que nos pressionavam com a intenção de nos fazer chorar, tentando fazer de tudo para nos tirar do eixo porque pensam que mulher se abala fácil”, desabafa Thátia. “São nesses momentos que a nossa autoconfiança é o que mais importa. Eu busco me manter plena e falo para mim mesma que sei o que estou fazendo”.



Tammy Weiss, coordenadora geral do Instituto Queró, diz que as mulheres enfrentam dificuldades constantes — Foto: Arquivo pessoal/Tammy Weiss

Além disso, Thátia comenta que sempre trabalhou com muitos homens, e que costuma ser o mais respeitosa possível em seu ambiente de trabalho. Apesar disso, ela admite que, quando começava em um novo emprego na área, as questões que se sobressaíam não eram referentes à sua função. “As perguntas que eu respondia eram muito relacionadas à minha vida pessoal, como se eu era casada, ou se namorava”.

Para a secretária-adjunta de Cultura de Santos, Raquel Pellegrini, o ambiente de trabalho audiovisual é “muito machista”. “É difícil de trabalhar. As mulheres sempre acabam ficando nas funções de produção, até mesmo no rádio e na TV”. Ela entrou para o cinema por meio do jornalismo e, em sua trajetória de mais de 20 anos, reconhece esse desequilíbrio nas diferentes funções. “Sempre existiu machismo, principalmente nas áreas de fotografia, direção de arte e edição”, conta Raquel, que começou a trabalhar no cinema na montagem de filmes.

Determinação

Apesar de as mulheres terem de se esforçar o dobro para conseguir o mesmo resultado e destaque que os homens, as mudanças no espaço ocupado por elas já podem ser vistas por aquelas que trabalham no meio. Tammy Weiss, coordenadora do Instituto Querô, acredita que o nível de empenho e participação feminina no projeto é “evidente e muito significativo”. “As meninas opinam mais, investem mais em suas carreiras, apresentam mais determinação e maturidade. Além do que, os projetos apresentados por meninas geralmente têm maior impacto social”.

Apesar de considerar o cinema um setor que oferece mais liberdade, por se tratar de um trabalho artístico, Tammy ressalta que as mulheres enfrentam dificuldades constantes. “As mulheres precisam estar sempre provando que são tão competentes quanto, ou até mesmo mais que, os homens”. Para ela, essa é uma questão cultural enraizada na sociedade, e na cena audiovisual não é diferente.

Com isso, os espaços ocupados pelas mulheres no cinema ainda são inferiores em comparação com os dos homens, principalmente nas áreas de direção e roteiro, e nas funções mais técnicas, como fotografia e som. Mas, segundo Tammy, isso está mudando. “Os movimentos atuais no universo do cinema são crescentes. As mulheres ganham cada vez mais força”. Para ela, essas mudanças evidenciam o fato de que diversos festivais já estabelecem critérios que favorecem o trabalho feminino. Ela dá como exemplo os que determinam que 50% dos projetos devem ser dirigidos ou roteirizados por mulheres.

Apesar de terem força de vontade, iniciativa e enfrentarem o preconceito, as mulheres não têm o espaço que merecem no cinema. “Temos produção sim, só não temos espaço. Todas lutam a mesma batalha, todas vivenciam a mesma demora nos avanços”, afirma a editora Thátia Lima.

Mostra das minas

Em meio a esse cenário, surgiu a Mostra das Minas na Baixada Santista, um projeto que se propõe a dar voz e liberdade para que as mulheres no campo audiovisual se expressem do modo como quiserem. “A mostra mudou totalmente a oportunidade das mulheres se expressarem no cinema. É mais uma janela que se abre, é mais um festival, é mais uma mostra em que as mulheres começam a se colocar”, reconhece Raquel Pellegrini, que acompanha a iniciativa desde seu início.



Jasmin Alvarez e Raquel Pellegrini participam de debate na Mostra das Minas, em Santos — Foto: Arquivo pessoal

Raquel vê o projeto como um dos pioneiros na área, e que, apesar de começar tímido, se tornou referência no País. “A mostra não ficou presa apenas a Santos. Pela facilidade de comunicação que a internet proporciona, são recebidos filmes do Brasil inteiro. A mostra conseguiu reunir um leque imenso de produções. Com isso, percebemos que a falta de oportunidade para as mulheres não é uma necessidade da região, mas sim nacional”.

Desde 2016, a Mostra da Minas promove eventos, exibições, debates, rodas de conversa e oportunidades. Todas as ações são voltadas ao incentivo à produção feminina e ao protagonismo da mulher no mercado cinematográfico. Este ano, o evento será realizado nos dias 27 e 28 de abril, no Museu da Imagem e do Som de Santos, na Vila Matias, com workshops e exibições de mais de quinze produções audiovisuais, entre longas e curtas metragens. Tudo promovido por mulheres.

Lasmin Alvarez, idealizadora da mostra, vê o evento como resultado da soma de esforços de outras mulheres. “As coisas estão mudando e se movimentando. É justamente por isso que conseguimos ter a noção de que precisamos ter mais espaço e mais igualdade. Muitas mulheres ao longo da história fizeram muito para estarmos aqui hoje, mas ainda há muito o que fazer”.

Para Thátia Lima, a Mostra das Minas é um projeto que reconhece a competência das mulheres do audiovisual em Santos. “O fato de ser escolhida em um festival como esse, faz com que as mulheres percebam que têm capacidade sim, que estão sendo chamadas pela competência, e não por qualquer outro motivo”, enfatiza.

Thátia também conta que há um senso de liberdade e confiança significativo dentro do projeto. “Todas confiam umas nas outras para falar ‘você tem espaço, eu estou te vendo e eu quero você aqui’. Subimos um degrau muito grande quando começamos a realizar e somos escolhidas por essas realizações”, afirma. “Nos sentimos maiores e mais capazes, porque vamos crescendo na área. A gente se sente vista”.

**Sob supervisão de Alexandre Lopes.*